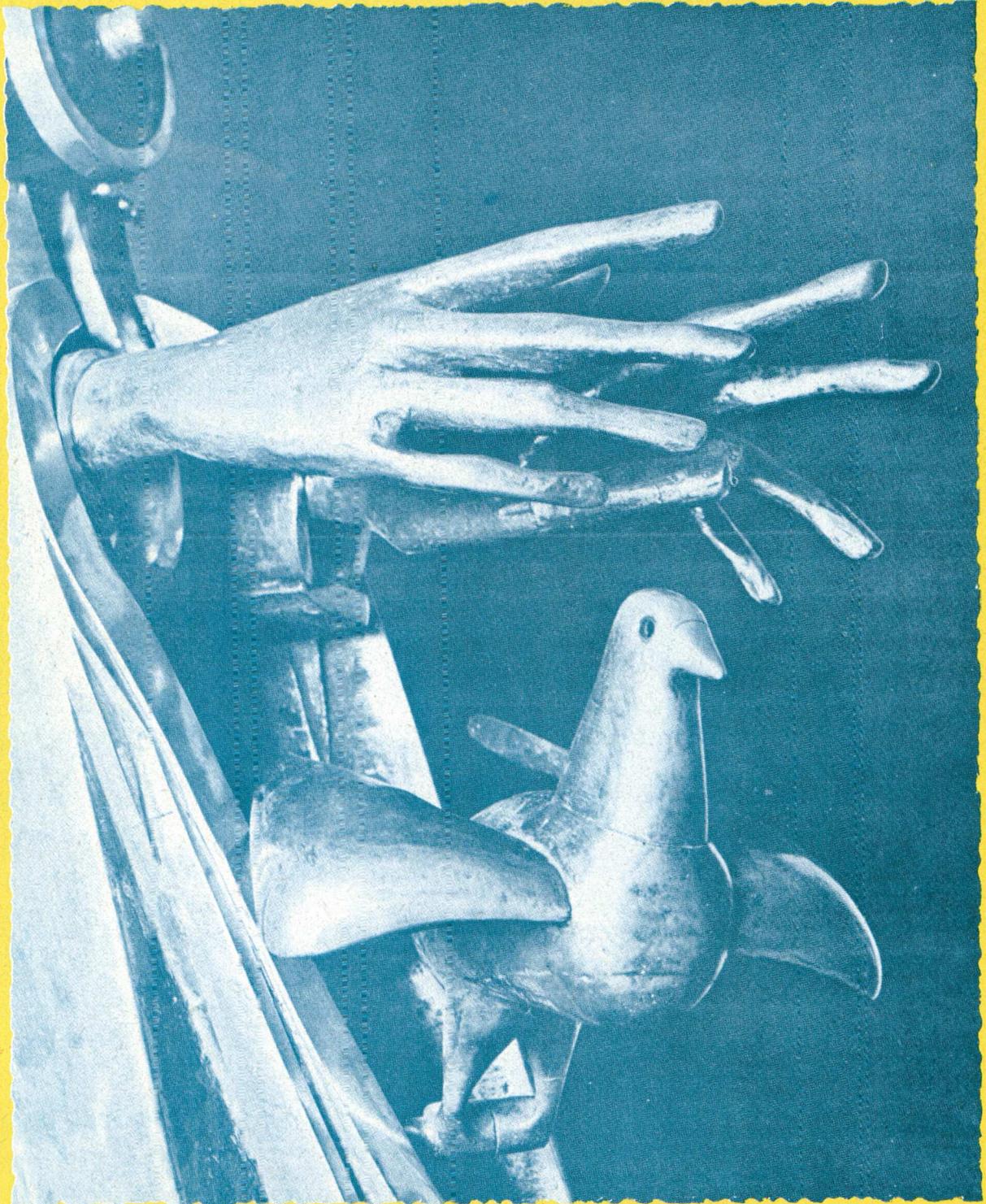


# zamm

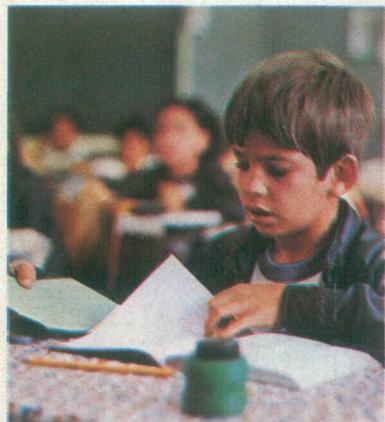
AVE MARIA — REVISTA QUINZENAL — ANO LXXX — N.º 17  
— 15 DE SETEMBRO DE 1978 — CR\$ 4,00



## PAULO VI - MENSAGEIRO DA PAZ

# APRESENTAMOS O INVESTIMENTO MAIS IMPORTANTE DO BRADESCO:

# GENTE

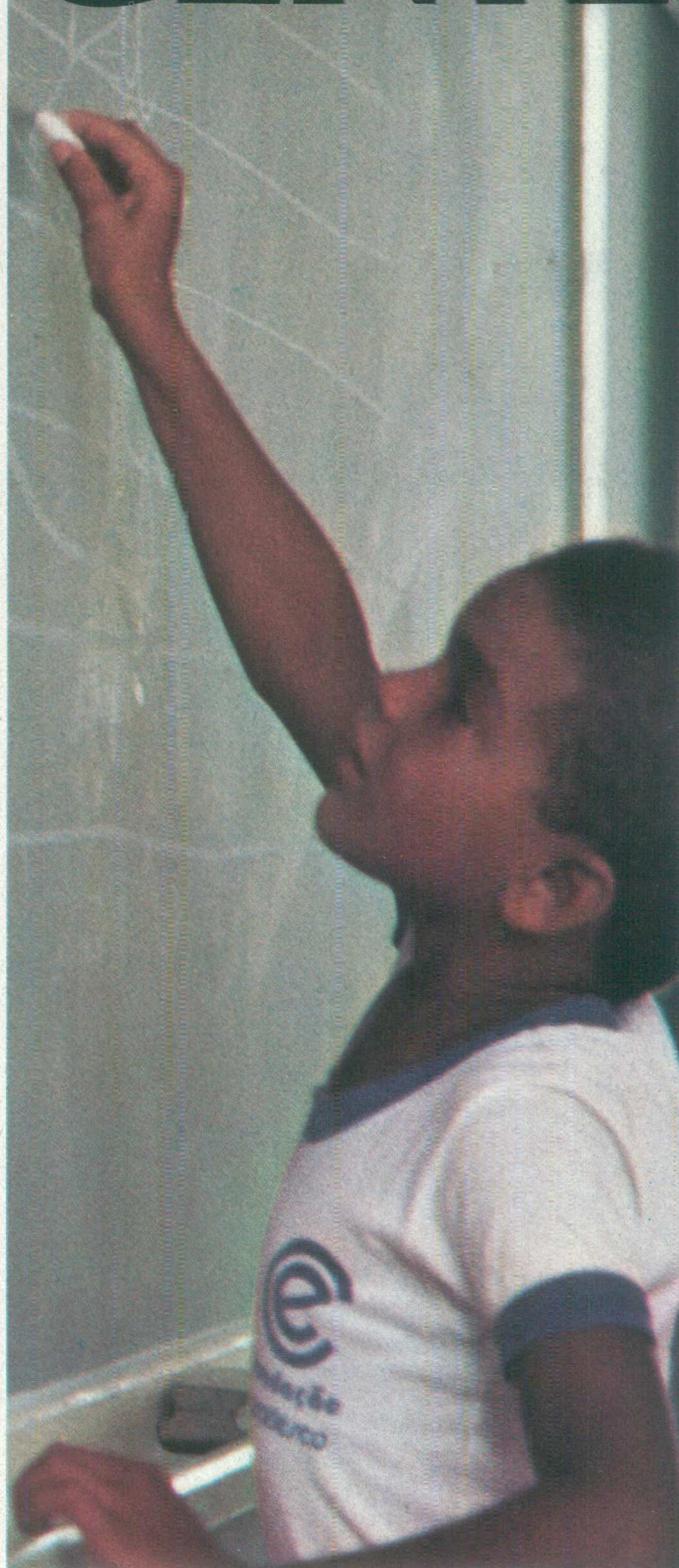


O investimento mais importante do Bradesco, não perde chance para jogar pião, brincar de roda e esconde-esconde.

Mas o tempo que ele tem para isso, graças à Fundação Bradesco, é dividido com outras atividades importantes.

A Fundação Bradesco, organismo responsável pela política educacional de toda a Organização, mantém aproximadamente 8500 alunos em todo o Brasil.

Em cursos que vão desde o pré-escolar até o 2º grau profissionalizante, abrangendo as áreas de turismo, programação de sistemas, administração de empresas, auxiliar de enfermagem, núcleo de capacitação e treinamento em artes gráficas, manutenção de máquinas



de escritório e inseminação artificial.

A Fundação Bradesco mantém-se de doações das empresas Bradesco e principalmente do seguro TOP CLUB, que destina todo o seu lucro a manter estes cursos. E assim, a Fundação Bradesco vai expandindo suas fronteiras.

Atualmente, conta com escolas na Cidade de Deus (Osasco), em Conceição do Araguaia (PA), em Canuanã (GO), em Bagé (RS), em Registro (SP), em Laguna (SC), em Campinas (SP), e Uberaba (MG). E em implantação, as escolas de Irecê (BA) e Paragominas (PA). Todas empenhadas em levar adiante a filosofia responsável pelo sucesso do Bradesco: investir nas pessoas é o mais importante.



# BRADESCO

garantia de bons serviços



AVE MARIA é uma publicação quinzenal da Editora Ave Maria Ltda. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob o n.º 221.689, no S.E.P.J.R., sob n.º 50 no R.T.D., sob n.º 67 e na DCDP do DFP, n.º 199, P. 209/73. BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

**Diretor e Redator:**  
Athos Luís Dias da Cunha.

**Redação:** Elias Leite, José Fernandes Oliveira, Maria do Carmo Fontenelle, Nildo Lübke.

**Arte e Diagramação:**  
Carlos Alberto Pereira e Avelino de Godoy.

**Colaboração:** Orlando Andrade, Aniceto A. Lima, José Vanderley Dias, José Penalva, João de Castro Engler, André Carbonera, Francisco Muchiutti, Lúcio Floro, Olga Elkman Simões e Antônio Joaquim Lagoa.

**Colaboração Especial:**  
D. Vicente Scherer.

**Circulação e Propaganda:** Geraldo Moreira, Joaquim de Castro, Antonio T. Sato, Antonio Caetano Pereira, Afonso de Marco e João Ferreira de Menezes.

**Departamento de Assinaturas e Promoção:** Antonio Vaz Diniz, José Rodrigues de Almeida, Fabíola Ramos Caraméz e Dalmízia Soares da Silva.

**Coordenação e Publicidade:**  
Cláudio Gregianin.

**Administração:** Nestor Zatt.

**Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. (Telefones: 826-6111 e 66-9296) — Cx. Postal 615 — 01000 — São Paulo, SP.

**Composição, Fitolito e Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda., Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque) - São Paulo.

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano.

O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria.

— Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio.

A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio, nas demais, as renovações de assinatura são feitas pelo correio.

**PREÇOS:**

Número avulso ..... Cr\$ 4,00  
Ass. anual (simples) ..... Cr\$ 75,00  
Ass. de benfeitor ..... Cr\$ 110,00



# É PEDRO O PAPA

**N**ão importa muito o nome que o novo papa escolhe para identificar-se como Pastor da Igreja Universal. Mesmo significando abdicar um nome da família para assumir um nome no sinal de serviço ao povo de Deus. Mesmo que este nome escolhido lhe defina a linha de pontificado pelo exemplo de um grande santo da Igreja. O que mais importa é que o novo Papa, uma vez recebido o cajado de Pastor do rebanho de Cristo, ele é Pedro, a pedra alicerce, sobre a qual o edifício espiritual da Igreja se assegura. E nem é a voz das conjecturas humanas que fala. Nem os conceitos sócio-políticos de uma época que definem. Tão pouco os critérios publicitários que escolhem. Mas o Espírito Santo Deus, nos Pentecostes da história da Igreja, é o único a soprar sobre quem lhe apraz.

Isso há dois mil anos quase. Desde aquele primeiro, que Cristo escolheu e lhe entregou a chave do Reino do Pai. Também ele deixou de ser Simão, o pescador, e transformou-se em Kéfas, rocha, pedra, Pedro. Segurança da Fé, na justiça do Amor. E nunca as portas do inferno, os poderes do mal, nem a morte, poderão vencer esta Igreja Santa, de perdão e de paz. E o que ele, Pedro, fizer na terra, no dirigir os homens na fé, no céu será confirmado. Quem o afirmou foi Jesus, O Cristo, Filho de Deus vivo.

Portanto, Papa e Igreja se identificam, se unificam também. É ele o sinal de unidade do rebanho na fidelidade a Cristo. Sinal que define a presença do Espírito Santo na Igreja, presença que lhe dá a força espiritual na santidade e a força moral para a sobrevivência através dos tempos, sendo respeitada mesmo pelos sem Deus.

A pessoa do Papa, com as limitações inerentes à criatura humana, deve ser, para nós católicos, a luz visível da invisível Luz que guia a Igreja do Senhor, que somos nós, batizados no Cristo. Os fatos humanos na história milenar da Igreja são os dedos da sabedoria divina a apontar-nos a imortalidade do espírito. E as oscilações da natureza confirmam a perenidade da Graça. A pessoa humana do Papa nos assegura a natureza divina de Cristo, alfa e ômega, princípio e fim dessa Igreja a que pertencemos e somos.

Acima dos transitórios critérios humanos sobre a pessoa do representante de Cristo, está o eterno critério do próprio Filho de Deus: "Pedro, tu me amas mais do que estes outros?" Depois de tríplice afirmação, veio a ordem: "Tome conta das minhas ovelhas." A ordem pela razão do amor. Só no amor do Cristo ele deve governar. Critério de Deus. Amor. E do amor, toda justiça, toda paz e todo o bem.

É este o verdadeiro critério cristão de esperar e receber o Papa. Pela simples razão: É este o critério de Cristo.

EDITORIAL

# A IGREJA EM LUTO

## NOTA À IMPRENSA SOBRE A MORTE DE PAULO VI

Ainda sob o impacto causado pela notícia inesperada da morte do Pai espiritual, a Igreja de São Paulo quer unir-se a todos os cristãos do mundo, para expressar seu agradecimento a Deus, que nos concedeu uma vida tão fecunda e luminosa como a de Paulo VI.

### 1. Encarnou a vida da Igreja

Paulo VI, antes de ser Papa, esteve na escola de dois Pontífices de indelével memória. Com o vigoroso Papa Pio XI, aprendeu a enfrentar os totalitarismos de esquerda e de direita: o fascismo e o comunismo. Com Pio XII, viveu o drama da guerra e suas consequências, como a fome, o caos político-social e os exílios.

Enquanto o Papa João XXIII abria as janelas da Igreja por sobre o mundo, o futuro Paulo VI assumia os anseios dos trabalhadores em Milão, como Arcebispo e depois Cardeal.

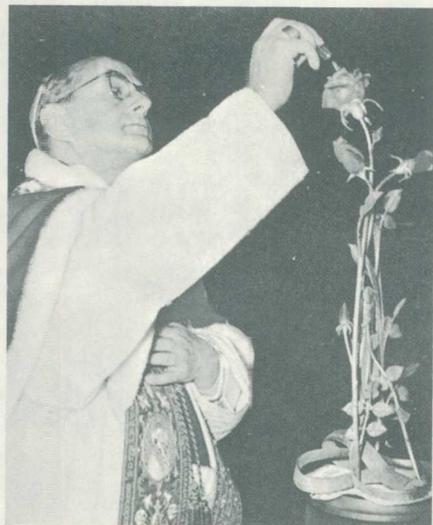
Ao ser eleito Papa, ele próprio definiu sua missão principal como sendo a de levar as diretrizes do Vaticano II às consequências práticas.

Reformou a Igreja mais do que qualquer um de seus predecessores. A partir dele, as angústias e as esperanças do mundo terão que ser sempre as angústias e as esperanças da mesma Igreja.

Para tanto, teve que vencer inúmeras barreiras. Encontrou-se pois com todos os líderes religiosos e não hesitou em viajar para terras distantes, embora não fosse esta a tradição dos Papas.

Em Genebra, sede do Conselho Mundial de Igrejas, apresentou-se como "Pedro, vosso irmão". O representante do mundo greco-ortodoxo chegou a afirmar que Paulo VI vencera séculos para chegar novamente à era dos Padres da unidade.

As barreiras principais, no entanto, eram de ordem política. Começou o seu tempo de Papa visitando a ONU e pedindo profeticamente que os canhões se transformassem em arados, quer dizer, as armas de destruição em instrumentos de vida e recursos de alimentação. Neste contexto, as viagens à Turquia, à Terra Santa, à



Paulo VI abençoa a Rosa de Ouro aos 5 de março de 1967, que seria entregue à N. Sra. Aparecida — ao Povo Brasileiro — aos 15 de agosto de 1967.

África e à Índia exprimem bem o que ele disse, quando visitava a América Latina (Colômbia) e Fátima, em Portugal: "As forças da paz podem vencer as opressões, as m-sérias e a própria guerra".

A morte de Paulo VI é para nós um compromisso. Temos que assumir seu programa e seu espírito de luta.

### 2. Amigo do nosso povo

Em todos os nossos encontros, ele costumava frisar que o Brasil é a terra da esperança. Disse-o de maneira muito explícita, no momento em que o Arcebispo de São Paulo era elevado à dignidade de Cardeal da Igreja:

"Senhor Cardeal: Sentimo-nos feliz em saudar, na sua pessoa, a vetusta e ao mesmo tempo jovem e promissora Igreja de São Paulo, bem como os familiares que o rodeiam, neste momento, e os que eles aqui representam, espiritualmente presentes. O cosmopolitismo, o caráter ecumênico e o elevado grau de progresso que a sua Sede apresenta constituem, para Nós, um índice do Brasil atual; e, mais ainda, uma boa promessa do Brasil de amanhã, para o mundo e para a Igreja de Cristo. São Paulo, de fato, é escrínio de herança cristã, antiga e preciosa, que lhe vem dos Nóbrega e Anchieta. Bem guardada ao longo dos tempos, sob o manto maternal de Nossa Senhora Aparecida, foi ela cultivada pelo zelo dos Pastores que o precederam, dos quais dois ainda vivos, felizmente — os Srs Carceais Motta e Rossi — o último deles agora nosso direto colaborador. Isto, para dizer-lhe, Senhor Cardeal, que a Igreja espera muito de sua pessoa, da sua grei e do Brasil inteiro. Não é, acaso, o ver-

de da esperança o símbolo prevalente da sua Pátria? E quem espera, acredita, confia e ama: na força da comunhão eclesial, com todos os dons de Deus, e nos imensos recursos do seu País, com sua pujante juventude e boa vontade de suas gentes, assenta a confiança, a estima e o desejo de todo o bem, de que o fazemos intérprete, junto dos seus diletos diocesanos, paulistanos e paulistas, e de todos os brasileiros. Com a Nossa Bênção Apostólica." (9-3-1973).

Mas conhecia também nossas dificuldades e limitações. No momento em que esteve entre nós — foi em 1960 — impressionou-se

profundamente com a miséria em torno de nossas maiores cidades: "A coroa de espinhos, a cercar a formosa fronte". Evocava, assim, a imagem do Bom Jesus, em cuja Festa ele morreu. Este Bom Jesus está na alma de todo brasileiro, daqui para a frente, não como símbolo de resignação, e sim como apelo constante à justiça fraterna.

Creio que não haja Bispo brasileiro, nem outra pessoa de nossa terra, que não se tenha impressionado pelas palavras quentes que ele arrancava de seu afeto, para distribuí-las como conforto, por toda uma Nação jovem como a nossa.

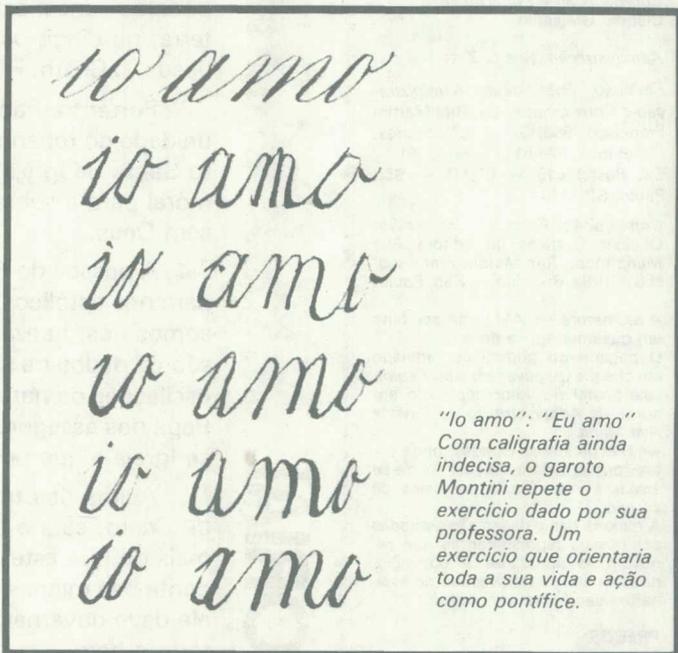
Meus amigos:

Também para o Papa, vale a profissão de fé que fazem todos os cristãos: "A vida não é tirada, mas transformada." O vazio que ele deixou enche-se de uma luz que dissipa toda a tristeza. É ele nosso protetor no céu. Um Pai, que já não sofre, e hoje tem o poder de intercessão, para diminuir os sofrimentos de seus filhos.

Continuemos a confiar no amor. É a única força que realmente move o mundo.

Paulo VI ensinou-nos a amar, para transformar esta Terra num ambiente de fraternidade e paz.

Paulo Evaristo Cardeal ARNS  
(CIEC - N.º 545)

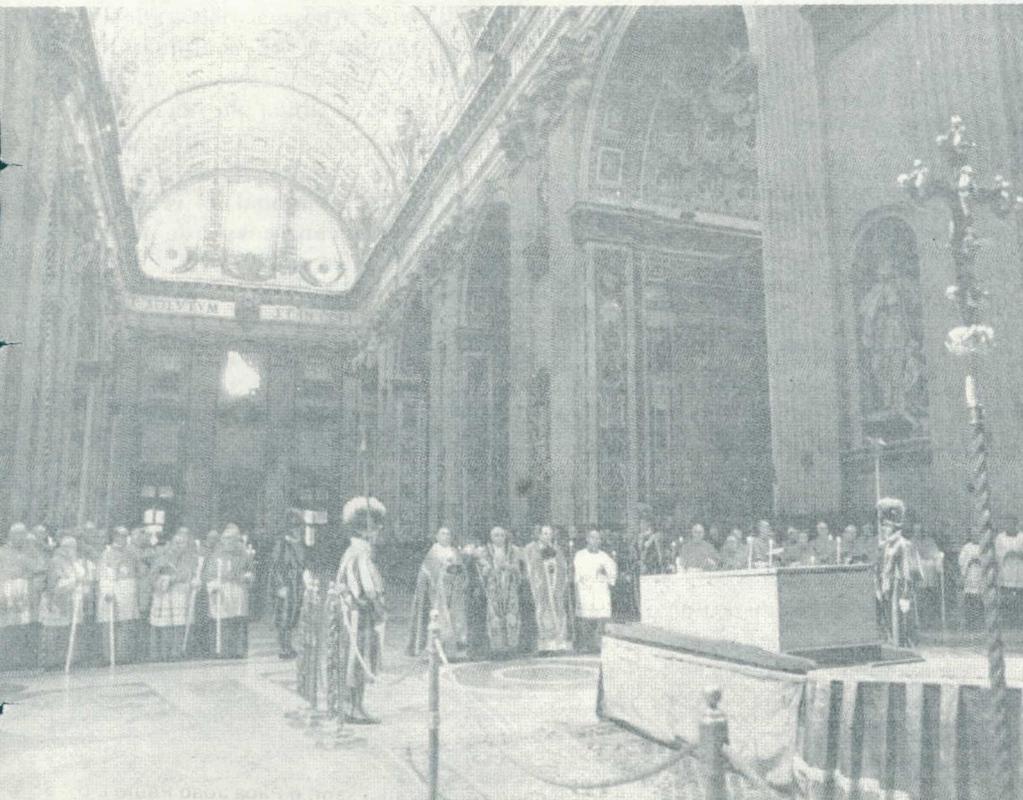


Neste número a revista Ave Maria faz uma homenagem ao grande mensageiro da paz, Paulo VI, apresentando alguns dos acontecimentos importantes de sua vida. No próximo número, apresentaremos também alguns dados de seu sucessor, o Papa João Paulo I, o Cardeal Albino Luciani, eleito aos 26 de agosto p.p.



*Ainda na residência de Castelgandolfo, repousa o corpo de Paulo VI, revestido com os paramentos pontificais. Um grande coração parou.*

*As exéquias tiveram início no interior da Basilica de S. Pedro. A participação total de todos os cardeais, bispos e padres que então já se encontravam em Roma — O esquife, conforme o seu desejo, simples.*



O mundo contemporâneo tem necessidade de paz... Ainda os homens são os únicos adversários uns dos outros. Ainda os pactos sagrados da concórdia e da colaboração entre os povos parecem incapazes de sustentar o peso de seus empenhos contra uma renúncia à violência. Ainda o medo dos terríveis armamentos, dos quais uma ciência inumana é hoje, mais que ontem, capaz de suscitar ateradores fantasmas, dá insônia aos governantes dos Povos.

PAULO VI

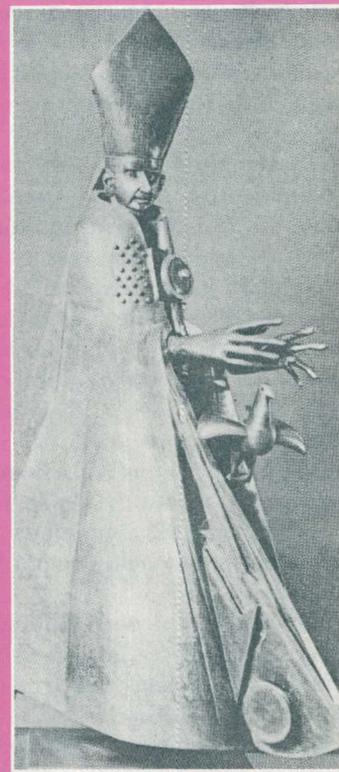


Foto da Capa

“Paulo VI defensor da paz”  
 Detalhe da escultura de Floriano Bodini (Vaticano)



A família Montini completa: João Batista, com seis anos, seu pai Jorge, advogado e diretor do jornal católico de Bréscia "Il Citadino". A mãe, Judite Alghisi. Seus irmãos, Ludovico e Francisco, este o mais novo. Tornaram-se, advogado e senador da República respectivamente.



João Batista, com vovó Francisca. No colégio



# PAULO VI — BREVE

João Batista Montini nasceu em Concesio, Bréscia, Itália, aos 26 de setembro de 1897. Filho de Jorge e Judite Alghisi. Foi batizado aos 30 de setembro.

A exemplo dos pais, animadores de um ambiente onde o afeto familiar e o testemunho de vida cristã mantinham uma profunda harmonia, cresceu vendo a atividade da mãe, no apostolado religioso como Presidente das Senhoras Católicas de Bréscia. E o pai por muitos anos líder das organizações católicas de Bréscia, 25 anos diretor do jornal "Il Citadino" de Bréscia.

Por confiança do Papa Bento XV foi colocado à cabeça da União Eleitoral dos Católicos Italianos. Eleito deputado ao Parlamento pelo Partido Popular Italiano.

Aos 6 de junho de 1907, João Batista recebe, em Bréscia, sua primeira comunhão na capela dos Irmãos de Nossa Senhora Menina. Aos 21 de junho do mesmo ano recebe o sacramento da Crisma, administrado pelo Bispo Giaconio Pelegrini, na capela do Colégio Cesare Arici, dos padres jesuítas, onde seguia os primeiros anos de escola, depois o curso ginasial.

Estudou teologia no seminário Sant'Angelo de Bréscia. Aos 21 de novembro de 1919 recebe a batina, e no

ano seguinte, aos 29 de maio de 1920, é ordenado sacerdote pelo Arcebispo D. Jacinto Gaggia.

Celebrou sua primeira missa no Santuário das Graças de Bréscia.

Laureado em Direito Canônico pela Pontifícia Faculdade de Direito do Seminário de Milão. Formado em filosofia pela Universidade Gregoriana.

Seu campo predileto sempre foi a cultura e em 1924 uma nova responsabilidade lhe foi atribuída: foi nomeado assistente espiritual do Circulo Romano da Federação Universitária Católica Italiana.

No ano seguinte é nomeado, pelo Papa Pio XI, Assistente Eclesiástico Nacional da mesma entidade, a FUCI.

Por um decênio durou sua participação na Federação, impregnando o ambiente de cultura cristã e de espiritualidade. Segundo carta do próprio Pio XI, a ação do Pe. João Batista Montini era "desempenhada com muito amor e profunda dedicação".

Em 1937 foi substituído na Secretaria do Estado. Nesta época o Secretário de Estado era o então Cardeal Eugenio Pacelli, depois, em 2 de março de 1939, Pio XII.

Em 1952 renuncia à púrpura cardinalícia que Pio XII queria lhe dar

"...por seu trabalho e por sua comprovada virtude" (Pio XII).

Em 3 de novembro de 1954 foi nomeado Arcebispo Metropolitano de Milão e, com afeto paterno, Pio XII testemunha na Carta Apostólica: "...Tu, dileto Filho, és a pessoa mais indicada, porque pela convivência contínua, quase quotidiana, conhecemos o teu valor, tua capacidade e ainda por tua disposição e pela sincera piedade conjugada ao zelo pela salvação das almas". O Rito da Celebração Episcopal foi celebrado na Basílica Vaticana aos 12 de novembro de 1954, presidido pelo Cardeal Tisserant. Pio XII estava enfermo.

Lendo o discurso de investidura, D. Montini recebe a púrpura cardinalícia de João XXIII, recém-eleito Papa.





Recém-ordenado



1



Com Pio XII, foi nomeado vice-secretário de Estado em 1952. Foi o braço direito de Pio XII.

# BIOGRAFIA

Nos primeiros meses de Pastor tem visitado 700 das mil e tantas paróquias sob seus cuidados pastorais.

Após quatro anos de intensa atividade pastoral recebeu a Honra Perpétua Romana imposta por Sua Santidade o Papa João XXIII no Consistório de 15 de dezembro de 1958. Assim, com 60 anos de idade, o Arcebispo Montini é elevado ao cardinalato. Quatro anos depois, exatamente aos 21 de junho de 1963, é eleito Pontífice e assume o nome de Paulo VI.

1 — Arcebispo de Milão, após 30 anos de atividades como secretário do Estado.

2 — Cardeal Montini, eleito papa, escolhe o nome de Paulo VI. (Paulo V foi o Cardeal Camilo Borghese, eleito em 1605).

Paulo, como Papa recém-coronado, dando a sua bênção a Roma e ao mundo que chama por "paz, vida e salvação".

3 — O Pai, o Pastor, que orientou o rebanho durante 15 anos, sob o cajado de Cristo.

2



# dias e testemunhos

1963:

**21 de junho:** Eleito Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana com o nome de Paulo VI.

**22 de junho:** Dirige a sua primeira mensagem radiofônica, pela Rádio-Vaticano.

**30 de junho:** Coroação.

**24 de julho:** Visita oficial ao Presidente da República Italiana.

**30 de agosto:** Mensagem ao Vietnã para desejar o restabelecimento da paz.

**29 de setembro:** Abre a segunda sessão do Concílio Vaticano II.

**10 de novembro:** Ingressa solenemente na Basílica de São João Latrão, Catedral de Roma, onde o Papa é o Bispo.

1964:

**4 de janeiro:** Paulo VI visita a Terra Santa.

**15 de janeiro:** Volta a Roma e na exortação apostólica sobre a "peregrinação" convida a todos a orarem especialmente pela união dos cristãos.

**2 de abril:** Institui a Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais.

**21 de novembro:** Conclui a terceira sessão do Concílio e promulga a constituição sobre a Igreja, a "Lumen Gentium", os decretos sobre as igrejas orientais e sobre o ecumenismo.

**2 e 5 de dezembro:** Viaja à Índia para o Congresso Eucarístico Internacional em Bombaim e de lá faz um apelo a todos os governos que reduzam os gastos com armamentos.

1965:

**22 de fevereiro:** Paulo VI reúne o Consistório para a nomeação dos 27 novos cardeais.

**6 de abril:** Institui o secretariado para os não crentes, cuja presidência é confiada ao cardeal Koenig.

**29 de abril:** Publica uma nova encíclica a "Mense Maio" que convida os católicos de todo o mundo à oração para a feliz conclusão do Concílio.

**10 de junho:** Vai à cidade de Piza para o encerramento do XVII Congresso Eucarístico Nacional Italiano.

**3 de setembro:** Publica a encíclica "Mysterium Fidei" sobre a Eucaristia.

**8 de dezembro:** Preside o solene rito de conclusão do Concílio.

1966:

**17 de fevereiro:** Paulo VI publica a constituição apostólica "Paeniteniini" sobre a nova disciplina da penitência.

1967:

**6 de janeiro:** São instituídos o "Concilium de Laicis" e a comissão "Justitia et Pax".

**30 de janeiro:** Paulo VI recebe Podgorny, Presidente do Supremo Soviet da URSS.

**22 de fevereiro:** É proclamado o Ano da Fé por ocasião do XIX Centenário do martírio de São Pedro e São Paulo.

**26 de março:** É publicada a encíclica "Populorum Progressio".

**13 de maio:** Paulo VI faz uma peregrinação a Fátima.

**24 de junho:** Promulga "Sacerdotes Coelibatus" sobre o celibato sacerdotal.

**26 de junho:** Reúne o Consistório para a nomeação de 27 novos cardeais.

**29 de junho:** É inaugurado o Ano da Fé.

**25-26 de julho:** Viaja para a Turquia.

**29 de setembro:** Abertura do Sínodo dos Bispos, que se encerra aos 29 de outubro.

**26 de outubro:** Encontro em Roma com o Patriarca Atenágoras.

**31 de outubro:** Mensagem ao Clero e aos povos da África para a promoção do bem religioso, civil e social do continente.

**4 de novembro:** O Papa é submetido a uma cirurgia, com sucesso.

1968:

**26 de junho:** Paulo VI anuncia a comprovação científica da autenticidade das relíquias de São Pedro.

**30 de junho:** Encerra-se o Ano da Fé.

**29 de julho:** É publicada a encíclica "Humanae Vitae" sobre a vida humana.

**22 de agosto:** Viaja para a Colômbia, voltando a Roma no dia 25.

1969:

**2 de março:** Paulo VI recebe o então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon.

**28 de abril:** Reunião do Consistório para a nomeação de 33 novos cardeais.

**30 de abril:** O cardeal Villot é nomeado secretário do Estado.

**10 de junho:** Paulo VI, em Genebra, visita o Sindicato Internacional do Trabalho e o Conselho Ecumênico das Igrejas.

**31 de julho:** O Papa viaja para Uganda e volta aos 2 de agosto.

**11 de outubro:** Solene inauguração da assembléia extraordinária do Sínodo dos Bispos com uma celebração na capela Sistina. O encerramento se fez aos 27 de outubro.

1970:

**3 de fevereiro:** Paulo VI redige carta ao secretário do Estado sobre o valor do celibato eclesiástico.

**17 de maio:** Ordena na praça de São Pedro 278 diáconos de cada parte do mundo.

**26 de novembro:** Viagem ao Extremo Oriente com retorno aos 4 de dezembro. Estadas e visitas em Teerã, Dacar, Manila, Samoa, Sidney, Jacarta, Hong-Kong e Colombo.

1971:

**30 de junho:** Paulo VI inaugura a nova aula de audiências: estavam presentes 10.000 peregrinos, vindos de todo o mundo.

**30 de setembro:** Abertura da segunda assembléia geral do Sínodo dos Bispos, que é concluída aos 6 de novembro após 37 sessões.

1972:

**16 de setembro:** Visita a Udine, após uma estada em Veneza, para o Congresso Eucarístico Nacional.

1973:

**5 de março:** Paulo VI reúne o Consistório para a nomeação de 40 cardeais.

**9 de maio:** É anunciada a audiência geral para a convocação do Ano Santo, do qual se refere sucessivamente, em repetidas ocasiões, às intenções, ao significado e à finalidade.

**30 de setembro:** Encontro no Vaticano com Dalai Lama.

**31 de outubro:** Entrega de 99 apartamentos, construídos por conta do Papa, a favelados de Roma.

**10 de novembro:** Inauguração do Ano Santo na Catedral da diocese

*Paulo VI e Michel Ramsey, arcebispo da igreja Anglicana em março de 1966, após o encontro e o abraço fraterno, assinam documentos da maior importância, nos quais estabeleceu-se um novo capítulo para o diálogo ecumênico. 11 anos depois, esses gestos são repetidos com o reverendo Coogan, então chefe da igreja Anglicana.*



# de paulo VI



*Aos 25 de julho de 1967, nove séculos depois do Grande Sisma do Oriente (1054), o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágora I, primaz da Igreja Ortodoxa, na catedral de Santa Sofia em Constantinopla, se encontram para o abraço e o ósculo da reconciliação e da paz.*

de Roma, São João de Latrão.

**10 de dezembro:** Mensagem por ocasião do 25.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

## 1974:

**7 de fevereiro:** Paulo VI publica o novo "Ordo" sobre o sacramento da penitência.

**22 de março:** É divulgada a exortação apostólica sobre o culto mariano, renovado o sentido teológico, litúrgico, pastoral e ecumênico.

**27 de setembro:** É aberto o terceiro Sínodo Geral dos Bispos no qual, diariamente, os trabalhos se seguirão até o encerramento solene aos 26 de outubro.

**20 de outubro:** Paulo VI participa da "Agape Fraternal" com os padres sinodais e com o colegiado da propaganda Fide.

**24 de dezembro:** Na noite de natal abre a porta Santa da basílica vaticana, dando, assim, início ao ano jubilar.

## 1975:

**6 de janeiro:** Paulo VI, durante a missa em São Pedro, entrega o crucifixo a 600 novos missionários.

**29 de junho:** É celebrado o 12.º aniversário de sua eleição com uma missa sobre o altar de São Pedro, durante a qual ordena 290 novos sacerdotes de todos os continentes.

**17 de julho:** É anunciada a instituição da nova congregação para a disciplina dos sacramentos.

**28 de agosto:** Grandioso encontro com emigrantes, aos quais é confirmada a materna solicitude da Igreja.

**14 de novembro:** É publicada a constituição apostólica com as novas normas sobre a eleição do Papa.

**28 de novembro:** É convocado para 1977 o Sínodo dos Bispos, onde se discutiria sobre a catequese do nosso tempo, especialmente para as crianças e os jovens.

## 1976:

**15 de janeiro:** Declaração sobre ética sexual.

**24 de março:** Novo premente e urgente apelo para a paz no Líbano.

**20 de maio:** Diante dos Bispos da conferência episcopal italiana, Paulo VI censura e reprova os intelectuais católicos inscritos na lista comunista.

**24 de maio:** Reunido o Consistório, nomeia 20 novos cardeais. Eleva uma reprovação aos opositores que deixaram a unidade da Igreja.

**1.º de julho:** Com uma disposição condenada por Paulo VI, Mons. Marcel Lefèbvre ordena novos sacerdotes.

**11 de setembro:** Paulo VI recebe D. Lefèbvre em Castelgandolfo e o convida a refletir sobre sua atitude e a situação prejudicial e perigosa, criada por ele na Igreja.

## 1977:

**29 de abril:** Celebração ecumênica na capela Sistina, estando presentes o Papa e o arcebispo de Canterbury, Coggan.

**9 de junho:** Paulo VI recebe Janos Kadar.

**14 de junho:** Dom José Capio é nomeado pelo Papa como novo substituto da secretaria do Estado.

**27 de junho:** É reunido o Consistório para a nomeação de 5 novos cardeais: Benelli, Ratzinger, Gantin, Ciampi e Tomasek.

**17 de setembro:** O Papa completa 80 anos.

**30 de setembro:** É aberto o quinto Sínodo dos Bispos no Vaticano sobre os temas da catequese.

**1.º de dezembro:** Audiência pontifícia a Edward Gierak, primeiro secretário do partido operário unificado da Polônia.

**9 de dezembro:** Paulo VI recebe os arcebispos de Hanoi e Hochiminhville.

## 1978:

**24 de março:** As condições de saúde de Paulo VI não são boas, delega ao cardeal Poletti a participação

na Via Sacra que todos os anos se desenvolve no Coliseu, na Sexta-Feira Santa.

**16 de abril:** Paulo VI, vivendo o drama da nação Italiana e de todo o mundo, escreve pessoalmente uma carta às Brigadas Vermelhas diante às quais "se ajoelha" para suplicar a libertação do refém.

**13 de maio:** Na catedral de Roma e São João de Latrão, o Papa assiste ao rito fúnebre de Aldo Moro, e comovido, diz a oração por ele feita.

**29 de junho:** Em São Pedro, por ocasião da missa pelo 15.º aniversário como Papa, Paulo VI faz um balanço de seu pontificado, centrado na defesa de fé e da vida. Exorta a todos, e veladamente Dom Lefèbvre, a assumir sua própria responsabilidade diante da história. É externa a sensação que sua morte está eminente.

**15 de julho:** Deixa o Vaticano para descansar como todo ano na residência de verão de Castelgandolfo.

**2 de agosto:** Deixa, pela última vez, Castelgandolfo, para uma saída de caráter pastoral: se detém na pequena igreja de São José para comemorar o oitavo aniversário da morte do cardeal Pizzardo. Também nessa ocasião Paulo VI fala de sua morte que "não pode estar distante".

**4 de agosto:** Paulo VI tem a última audiência privada, recebendo o presidente da República, Pertini.

**5 de agosto:** Às comunicado informa que por um recrudescimento da doença de artrose, o Papa não poderá estar domingo para recitar o "Angelus" com os fiéis.

**6 de agosto:** Às 19:30 hs um comunicado urgente anuncia um imprevisto agravamento das condições de saúde do Papa. Às 21:40 hs, Paulo VI morre. A notícia é comunicada aos jornalistas pelo porta-voz vaticano às 21:44 hs.





# mensagem póstuma

*Dia 6. Primeiro domingo do mês de agosto de 1978. Festa litúrgica da "Transfiguração do Senhor".*

*Esta mensagem estava preparada para a audiência de Paulo VI. Não chegou a ler. Uma crise de artrose tornou seus movimentos extremamente dolorosos. Foi cancelada a audiência. Não muitas horas depois o Sumo Pontífice falecia. A íntegra da mensagem é a seguinte:*

*"Irmãos e filhos caríssimos!*

A transfiguração do Senhor, lembrada pela liturgia na solenidade de hoje, derrama uma luz deslumbrante sobre a nossa vida quotidiana e nos faz voltar o pensamento para o destino imortal que aquele fato carrega consigo. No cimo do Tabor, Cristo revela por um instante o esplendor da sua divindade e mostra-se aos testemunhos escolhidos quem Ele é na realidade, o filho de Deus, "a irradiação da glória do Pai e a marca da sua substância", mas revela também o destino transcendente da nossa natureza humana, que ele assumiu para salvar-nos, destinada também ela, porque redimida pelo seu sacrifício de amor irrevogável, a participar da plenitude da vida, "da sorte dos santos na luz".

Aquele corpo que se transfigura diante dos olhos atônitos dos apóstolos é o corpo de Cristo nosso irmão, mas é também o nosso corpo chamado à glória; aquela luz que O inunda é e será também a nossa parte de herança e esplendor. Somos chamados a compartilhar de tanta glória, porque somos "parte da natureza divina". Um destino incomparável nos espera, se tivermos honrado a nossa vocação cristã; se tivermos vivido na lógica e em função das palavras e do comportamento que os compromissos do nosso batismo nos impõem.

Que o tempo das férias seja propício a todos para refletir mais a fundo sobre estas maravilhosas realidades da nossa fé. Ainda uma vez desejamos a todos vós, aqui presentes, e a quantos possam gozar de uma pausa restauradora neste período de férias, que consigam transformá-las numa ocasião de reflexão espiritual.

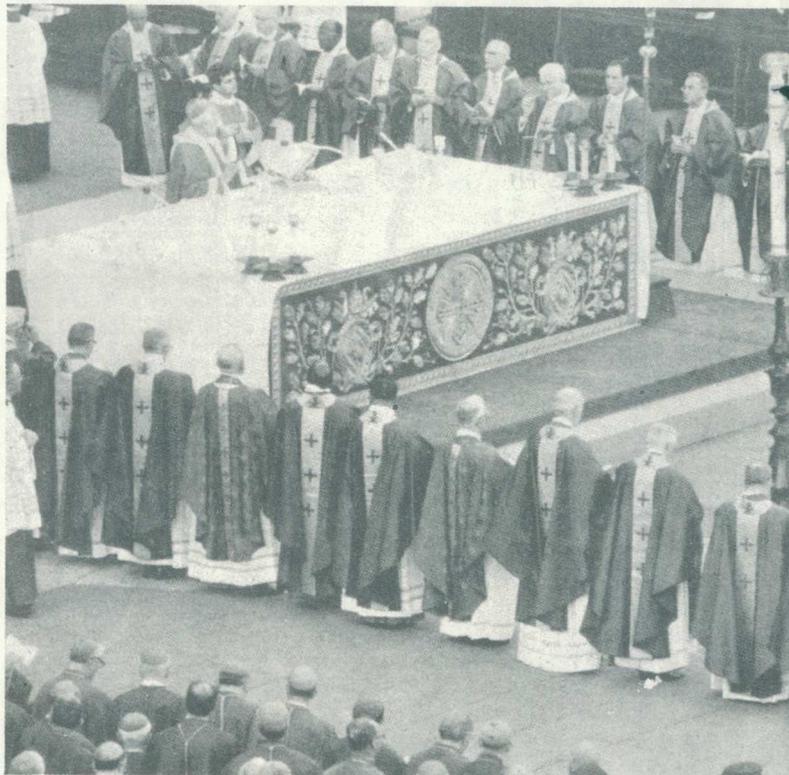
Mas também neste domingo não podemos esquecer quantos sofrem em virtude das particulares condições de vida em que se encontram, nem podem se unir àqueles que gozam de seu merecido repouso. Queremos dizer: os desocupados, que não conseguem prover às crescentes necessidades de seus entes queridos com um trabalho adequado à sua preparação e capacidade; os famintos, cujo número cresce diariamente em proporções pavorosas; a todos aqueles que, em geral, têm dificuldades de adaptar-se satisfatoriamente na vida econômica e social. Que por todas estas intenções eleve-se hoje a nossa fervorosa prece mariana, que nos estimule também a propósitos de solidariedade fraterna. Maria, Mãe solícita e acolhedora, dirija a todos seu olhar e sua proteção".

*Foto maior — A missa exequial concelebrada por 99 cardeais e participada, além de 103 representantes especiais de Estado e 7 de organizações internacionais e por milhares de fiéis.*

*Foto menor à esquerda — Após a celebração, o esquife de Paulo VI sendo carregado por sacerdotes que carregavam sua cátedra nas audiências, levando-o para o túmulo.*

*Foto à direita embaixo — Túmulo do Papa Paulo VI, no interior da Gruta do Vaticano, em mármore, de cor castanha, sem frisos e sem ornamentos, com a inscrição em verde e o monograma de Cristo. Na parede, Nossa Senhora com o Menino Jesus. A área mede 3,70 metros.*

*Do seu testamento: "Desejo que meus funerais sejam simplicísimos e não desejo nada especial, nem monumento. Algum sufrágio (caridade e orações)".*

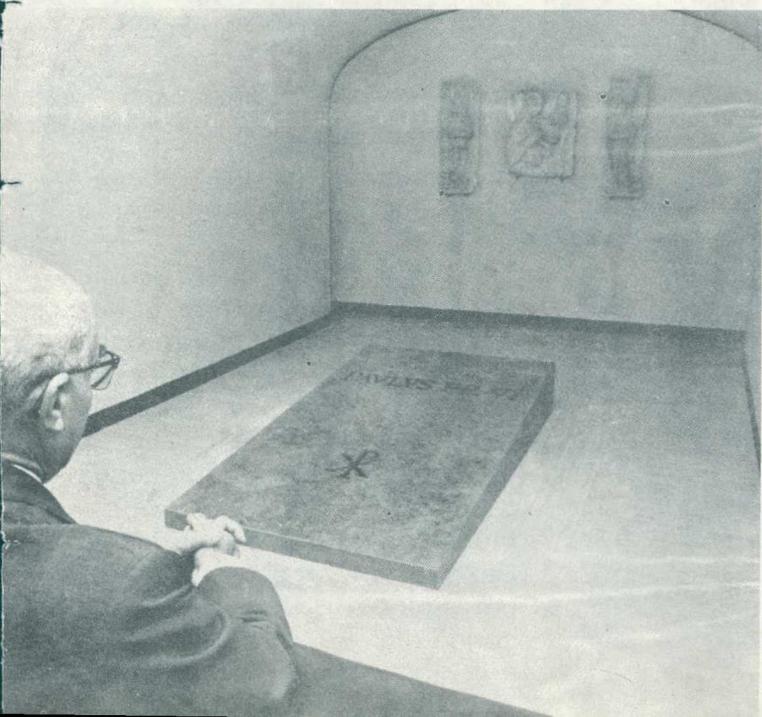
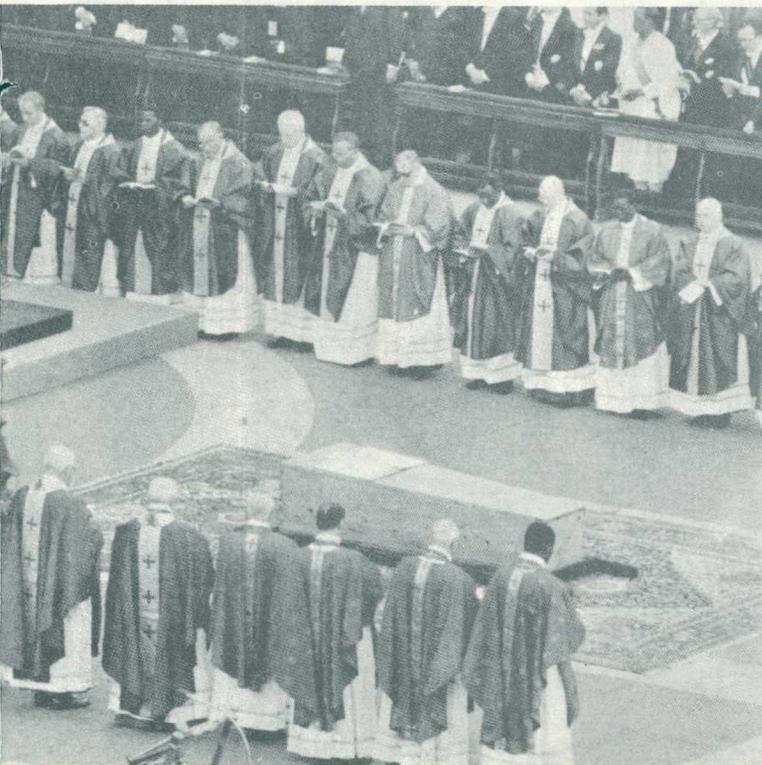


...ansa em paz. Com sua mitra,  
...m seu báculo, com seu Cristo.

...s familiares, por  
...is de 100 mil fiéis.  
...do pelos homens

...no. Uma lousa de  
...lho, do Pontífice e  
...ede 6 metros por

...em túmulo



## Paulo VI – o seu falecimento

**"Com profunda angústia e comoção devo informar que o Papa Paulo VI morreu, às 21 h 40 m desta noite de domingo, dia 6 de agosto de 1978, na residência de verão de Castelgandolfo".**

Com estas palavras o vice-diretor de imprensa do Vaticano, Pe. Pierfranco Pastore, levou oficialmente ao conhecimento de todo o mundo o fato que a todos entristeceu e emudeceu.

O Papa Paulo VI encontrava-se em sua residência de férias em Castelgandolfo, a 30 Km de Roma, quando foi acometido de um distúrbio cardíaco que originou um edema pulmonar.

Estava em sua cama, ainda lúcido, e quis receber a comunhão das mãos do monsenhor Pasquale Macchi, seu secretário particular.

Por volta do meio-dia (hora de Brasília) seu estado se agravou. Dr. Paulo Fontana, médico de Paulo VI, usando terapia intensiva, conseguiu reanimá-lo e fazê-lo recobrar a consciência.

Minutos depois, chegavam o vigário de Roma, Ugo Poletti, o secretário de Estado do Vaticano, Jean Villot. Foi-lhe ministrado, então, o sacramento da Unção dos Enfermos, por volta das 9 horas. Daí para a frente, seu estado voltou a agravar-se até uma nova e irrecuperável parada cardíaca.

Percebia-se que o Santo Padre sofria muito porque sua respiração era difícil. Apesar disso, acompanhava com muito esforço as orações que se recitavam junto ao seu leito. Tinha os olhos fechados, mas estava lúcido.

O coração ainda correspondia, mas a pressão baixava. Enquanto que a temperatura subia.

Sua respiração começou a se tornar cada vez mais difícil. A temperatura continuou aumentando. Eram 21,40 hs., a vida do Santo Padre apagava-se lentamente, serenamente, de tal forma que os que o rodeavam se perguntavam se ainda respirava, se estava vivo. Um eletrocardiograma feito pelos médicos confirmou que o Papa tinha deixado este mundo para entrar na glória do Pai.

Antes de ir para Castelgandolfo, o Santo Padre, arrumando as coisas, dizia ao Mons. José Caprio: "Iremos mas não sabemos se voltaremos... e como voltaremos."



# AS ENCÍCLICAS

Estas cartas "circulares" aos bispos, aos cristãos e — ao mesmo tempo — aos homens de boa vontade, são atos expositivos de um pontificado e, em seu conjunto, definem as orientações, o significado e o magistério da Igreja.

Analisando-as, compreende-se melhor o valor porque os textos citados de um Pontífice mais ou menos repetem aqueles que o precederam, sem por isso perder a sua originalidade.

É o caso, por exemplo, da Encíclica *Pacem in Terris*, de João XXIII: as notas, se prescindem-se as citações nela contidas, são uma resposta aos textos de Pio XII, riquíssimos de explicações que, antes ou depois, acabaram por impor-se; isto, porém, nunca tira a originalidade de João XXIII, que a seu tempo alteou ecos larguíssimos dentro e fora da Igreja, no mundo profano e leigo.

Também as Encíclicas de Paulo VI repetem ensinamentos dos antecessores, de acordo com os tempos; mas revelam quase sempre no estilo, que as torna distintas, além do pensamento, a mão do Papa. Nota-se que no passado as Encíclicas eram mais numerosas; Paulo VI limitou o seu número, talvez para harmonizar com o princípio do colegiado Episcopal, que associa a Pedro, abaixo dele, todos os bispos da Igreja. Mas foram multiplicadas as exortações apostólicas, entre as quais, é memorável a "*Gaudete in Domino*" sobre alegria cristã (1975).

## ECCLESIAM SUAM

(6 de agosto de 1964)

É a Encíclica da renovação, assim atestada no décimo segundo parágrafo: "O dever quotidiano da Igreja é corrigir os defeitos dos próprios membros e de os levar a tender à maior perfeição, é o método para conseguir com sabedoria a desejada renovação". É também a Encíclica que lança como idéia fundamental o diálogo da Igreja com o mundo em que se vive. "A Igreja lança uma mensagem, a Igreja submete-se ao diálogo". E na "*Ecclesiam Suam*" ressoaram as palavras que ornaram todo o Pontificado de Paulo VI: a paz entre os povos e as classes sociais, a miséria e a fome que afligem populações inteiras, a ascensão das nações jovens à independência.

*Paulo VI com o bispo episcopaliano de Nova Iorque, Mons. Horácio W. B. Donegam, em 1966.*



## "MENSE MAIO"

(29 de abril de 1965)

No documento, o Pontífice convida os bispos católicos de todo o mundo a promoverem, no mês de maio, particulares súplicas à Virgem, pela feliz conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II e pela Paz do Mundo.



## "MYSTERIUM FIDEI"

(3 de setembro de 1965)

Sobre a doutrina e o culto da Eucaristia, em uma reavaliação apaixonada ao Sacrossanto Mistério, contra "certas opiniões que perturbam o ânimo dos fiéis, gerando não pouca confusão em torno da Verdade da Fé, como se a qualquer um fosse lícito pôr em dúvida a doutrina já definida da Igreja". É uma reafirmação da "presença da Igreja", é um desejo da comunidade em torno da Eucaristia, que une todos os cristãos, em símbolo de caridade e de concórdia.

### **"CHRISTI MATRI"**

(15 de setembro de 1966)

Paulo VI dirige ao Episcopado de todo o mundo uma carta Encíclica, com a qual "pedem-se súplicas para o mês de outubro à Virgem Maria". No documento o Papa exorta os fiéis a invocarem à Virgem para que ela conceda ao mundo o dom da Paz, implora aos Governos para que continuem o esforço pela Paz e estabelece a celebração do Dia da Paz, para o dia 4 de outubro, aniversário de sua visita à ONU. "Que brilhe, finalmente, sobre os homens — conclui a última parte da Encíclica — a Aurora da verdadeira Paz também nos meios religiosos, que, entretanto, nesta época nem todos podemos professar livremente".

### **POPULORUM PROGRESSIO**

(26 de março de 1967)

É talvez a mais conhecida — também nos meios não cristãos — das Encíclicas de Paulo VI, e aquela que se infiltra com profundidade e amor na questão social que tanto atormenta os homens de hoje; reafirma — seja às comunidades seja aos governantes — que é "objeto de profunda observação da parte da Igreja, o desenvolvimento dos povos, de um modo todo particular, daqueles que lutam para se libertarem do drama da fome, da miséria, das doenças endêmicas, da ignorância; que procuram uma participação mais ampla nos frutos da civilização, uma mais ativa valorização das suas qualidades humanas; que se movem com decisão em direção à meta da sua plena prosperidade".



"O desenvolvimento é o novo nome da Paz", gritará ao mundo esta Encíclica, examinando também em particular as falhas dos sistemas políticos que não puderam, até hoje, cancelar as injustiças e o sofrimento e completar o desenvolvimento solidário da humanidade.

### **SACERDOTALIS CAELIBATUS**

(24 de junho de 1967)

É intenção desta Encíclica, por assim dizer, esclarecer sempre mais numerosas atitudes contrárias, ilustrando de maneira paralela as razões profundas do Santo Celibato, reafirmando de maneira imutável a norma da Igreja. A Encíclica está profundamente enlaçada também aos precedentes históricos, com os quais rebate as objeções com relação ao celibato sacerdotal; e termina com exortações para uma válida observação dos deveres assumidos pelos sacerdotes.

### **HUMANAE VITAE**

(25 de julho de 1968)

Sobre a regularização da natalidade; e vem a propósito sobre conjecturas feitas de muitas partes sobre a posição da Igreja sobre o problema. Também esta Encíclica, na parte doutrinal, vem de encontro a uma série de diretivas e indica com precisão as vias ilícitas para a regularização da natalidade. A terça parte desta Encíclica é um apelo a todos aqueles que podem, pela sua competência, desenvolver atividades em favor da vida: aos Poderes Públicos para que salvaguardem o costume moral em relação à família e na solução do problema demográfico; aos casados cristãos que devem fazer-se apóstolos junto aos outros esposos; aos médicos, que com a devida competência inspiram soluções fundadas sobre a Fé e as reais razões; aos sacerdotes, sobretudo aos que ensinam as regras da Moral, porque expõem o reto ensinamento da Igreja com respeito ao Magistério.

# viagens de paulo vi

**H**ouve um tempo em que os Papas, por necessidade, deixavam Roma por períodos mais ou menos longos. Foram a vários lugares da Itália e às vezes além dos Alpes. Naturalmente aqui não falamos do período em que os Papas ficaram em Avignon.

Não podemos considerar isto uma viagem, mas uma verdadeira transferência.

Em épocas sucessivas, os Papas não se afastaram seguidamente de Roma, se algumas vezes o fizeram, foi por necessidade, pois além de chefes espirituais, possuíam também obrigações civis, ou então para visitar santuários venerados, como o de Loreto, na qualidade de peregrinos.

Digna de recordação foi a viagem a Viena de Pio VI, que lá foi para induzir o imperador a desistir de suas veleidades de reformador religioso.

O poeta italiano Vincenzo Monti definiu esta viagem como peregrinação apostólica.

Paulo VI programou suas viagens em função do seu serviço apostólico: para ir ele, o Papa, ao encontro dos fiéis que viviam mais longe e que dificilmente poderiam ir até Ele, para vê-lo e ouvi-lo. Um significado mais importante, teve, por outro lado, a sua viagem à Palestina nos primeiros dias de 1964, não somente porque marcava o primeiro encontro ecumênico com o Patriarca Atenágora, como também porque queria significar a volta às origens, com Pedro, em nome de Pedro.

Nove foram as viagens que Paulo VI fez para fora da Itália, entre 1964 e 1970: e os itinerários percorridos pelos caminhos de todo o mundo põem em relevo, como mais um testemunho, os princípios que o Pontífice propugnou (defendeu) durante a sua chefia na igreja: desde o abraço aos pobres até a defesa da paz, ao gesto ecumênico para a reunião das igrejas e ao sempre maior destaque dado às comunidades cristãs "novas".

Os itinerários que apresentamos resumidamente mostram com clareza estas coerentes diretrizes.



Paulo VI, de joelhos, beijando o local do Calvário, onde Jesus morreu pregado na cruz.



Paulo VI em Jerusalém, em 1964, de joelhos diante do Santo Sepulcro. Percorre as estações da Via Sacra. Esteve no monte Tabor.

## PEREGRINAÇÃO APOSTÓLICA À TERRA SANTA

4 a 6 de janeiro de 1964

**E**sta é a primeira viagem de Paulo VI; duas as metas principais desta peregrinação: 1.º a visita às terras onde Jesus viveu e, 2.º, o encontro com Atenágora que espera Paulo VI no monte das Oliveiras para dar e receber o beijo da paz.

Em Amman, primeira etapa da viagem, há o encontro com o rei

Hussein, da Jordânia; depois um breve percurso de automóvel de Amman ao Jordão; aqui, junto ao rio de Jesus, o Papa pára em recolhimento (meditação) e oração.

Em Jerusalém, Paulo VI visita o Santo Sepulcro, o Santuário de Sant'Ana e o Getsemani.

No segundo dia de visita, passa pela zona israelense de Jerusalém, (pregou uma homília?) fala em Nazaré, e vai até o lago de Genezaret (?) e vai até o monte Sion; volta à Jordânia, e, à noite, na sede da delegação apostólica, acontece o histórico encontro (oficial) que se repete desde 1439 entre os chefes da Igreja do Ocidente e a do Oriente.

No dia seguinte é o dia da Epifania e o Papa vai a Belém na gruta de Natividade.

Na Índia, como peregrino de Paz, de Alegria, de Serenidade e de Amor (2 - 5 de dezembro de 1964).

A ocasião da viagem é oferecida pela celebração do Congresso Eucarístico Internacional, em Bombay. A inspiração para os vários discursos do Papa provém da situação de fome e de necessidade dos povos.

Paulo VI diz em Bombay, confiando à imprensa, uma mensagem especial para todos os povos:

"Que cada nação ponha também à disposição uma parte das quantias destinadas aos armamentos, a fim de constituir um grande fundo mundial para a subvenção das muitas necessidades de nutrição, vestuário, moradia, assistência médica, que afligem os povos".

Depois de uma breve permanência em Beiruth, o avião do Papa aterriza no aeroporto indiano de Santa Cruz. Dois milhões de pessoas abrem alas para permitir a passagem do cortejo pontifício, que se dirige a Bombay, até o local (OVAL) onde celebra-se o Congresso Eucarístico.

A consagração de seis novos Bispos, a missa na paróquia de São Paulo (aqui o Papa dirige uma saudação ao povo indiano), a visita ao orfanato "Our Lady's Home" (de 230 crianças) e à "Dom Bosco High School" onde se reuniram, na ocasião, 40.000 estudantes, ao hospital geral de Bombay, uma outra visita ao OVAL do congresso, são as etapas do dia 4 de dezembro.

No dia 5, Paulo VI despede-se com uma nova saudação que conclui assim:

"Voltamos para Roma, levando conosco uma inesquecível lembrança da nossa peregrinação e, sobretudo, da grande, humana e religiosa confiança do povo indiano.

## NA ONU

(4-5 de outubro de 1965)

Convidado pelo secretário das Nações Unidas, U'Thant, o Papa visita, em Nova Iorque, a maior organização mundial e pronuncia um discurso dirigido à Assembléia geral. Em pouco menos de 9 horas, Paulo VI vai de Roma ao aeroporto Kennedy, onde é recebido pelo secretário geral das Nações Unidas.

"Anuncio-vos uma grande alegria: temos o Papa, a América tem o Papa", havia pronunciado poucos instantes antes nos microfones da T.V. o Bispo Fulton Sheen.

A acolhida é triunfal; depois de uma breve visita à catedral neogótica de São Patrício, o Papa encontra o Presidente americano, Johnson, no hotel Waldorf Astoria.



Na ONU, em Nova Iorque, aos 5 de outubro de 1965, expondo com seu zelo, seu apelo e sua mensagem de paz.

À tarde, no Palácio de Vidro, onde estão presentes 2000 pessoas entre delegados, diplomatas e convidados, Paulo VI pronuncia um discurso que é transmitido para todo o mundo, graças ao satélite Early Beard. Trata-se do aflitivo apelo à fraternidade dos povos. "Somos portadores de uma mensagem para toda a humanidade." "A nossa, foi uma missão de paz".

As relações entre os povos devem ser regidas pela razão, pela justiça, pelo direito, pelo bom entendimento, não pela força, pela violência, pela guerra, e nem pelo medo e pelo engano.

## PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA

(13 de maio de 1967)

Saída às 5 horas de uma límpida manhã romana; depois de três horas de voo, avião a jato (de dois motores) português que leva o nome de "Dieu" aterriza no aeroporto de Monte Real.

Apenas 50 quilômetros de estrada separam o aeroporto do santuário, mas o carro do Sumo Pontífice emprega mais de uma hora e meia para percorrê-la porque pelo menos um milhão de pessoas estão ao longo do percurso.

O Papa, em Fátima, celebra a missa e pronuncia uma homília. "Viemos como humildes e confiantes peregrinos a este Santuário para pedir a Maria uma igreja atuante, uma igreja verdadeira, uma igreja unida, uma igreja santa."

O santuário dedicado à Virgem e a celebração do Concílio ecumênico sugerem, entre outras, estas considerações expressas na homília:

"O concílio ecumênico despertou muitas energias no seio da igreja. Mas que ruína seria se uma interpretação arbitrária e não autorizada pelo magistério da igreja tornas-

novas e particulares, e transformasse a ânsia apostólica da caridade redentora em um consentimento às formas negativas da mentalidade profana e dos costumes mundanos.

## A VIAGEM À TURQUIA

(25-26 de julho de 1967)

Uma visita de culto, de honra, de esperança, assim Paulo VI definiu sua viagem à Turquia, realizada na ocasião do início do Ano da Fé, proclamado para comemorar o XIX centenário do martírio dos santos, Pedro e Paulo. Uma visita às lembranças do passado, (particularmente significativa aquela de santa Sofia, a antiga catedral transformada em museu).

Acrescentaram-se grandes esperanças para o futuro, pois houve novo encontro com o patriarca Atenágoras. Nesta ocasião se demonstraram manifestações de fé comum (iguais), na oração ecumênica: com o patriarca armeno-ortodoxo, com o grão Multi-chefe da comunidade muçulmana e com o grande Rabino, chefe da comunidade israelita de Istambul. Após a visita a Istambul, o Papa foi a Smirne para prosseguir para os lugares santos de Efeso.

## A VIAGEM A BOGOTÁ

(22-25 de agosto de 1968)

Esta viagem é feita por ocasião do 39.º Congresso Eucarístico Internacional e da 2.ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina. A multidão que segue os deslocamentos do Papa em Bogotá é enorme; mas a principal manifestação da acolhida do Papa acontece no campo de São José, onde se reuniram mais de 300.000 campesinos, chegados de toda a Colômbia e das nações vizinhas.

A eles o Papa dirige um discurso: "Toda a tradição da Igreja reconhece nos pobres o sacramento de Cristo. E o próprio Jesus Cristo disse isto a nós numa parte solene do Evangelho.

Nessa parte, ele proclama que cada homem aflito, esfomeado, enfermo, doente, infeliz, necessitado de ajuda e de compaixão, é ele próprio, isto é, como se ele próprio fosse esse infeliz. Filhos muito amados, vós sois o Cristo para nós."

A mensagem de Bogotá se insere como uma das páginas mais potentes da caridade Cristã, nas reivindicações dos direitos humanos.

Uma mensagem que Paulo VI, na mesma viagem, terá a possibilidade de repetir aos representantes da imprensa, ao corpo diplomático e às autoridades civis. Na viagem de volta para Roma o santo padre fez uma breve etapa nas Ilhas das Bermudas.

## VIAGEM A GENEBRA

(10 de junho de 1969)

Esta é uma visita ao Escritório Internacional do Trabalho e ao Conselho Ecumênico das Igrejas. Aos membros do C. I. T. Paulo VI volta a reforçar um dos princípios fundamentais da posição do seu pontificado: a primasia do homem sobre o trabalho e a possibilidade de obter a paz universal somente através da justiça social entre os povos.

Paulo VI, em Genebra aos 10 de junho de 1969, sua mensagem por ocasião de sua visita ao Conselho Internacional do Trabalho.





Depois, na parte final do discurso, põe em relevo que a meta que se deve alcançar está ainda muito longe e lembra "o grito de dor que continua a subir da humanidade que sofre", e convida a atendê-lo (o grito de dor), proclamando corajosamente e sem descanso os direitos humanos e fazendo sejam eles (estes direitos) respeitados por todos em qualquer lugar e para todos. Após um encontro com o episcopado suíço, com o clero e com os leigos também das organizações internacionais Paulo VI visita o Conselho Ecumênico das Igrejas, sendo recebido pelo secretário geral do próprio Conselho, Pastor Couson Blake. Em sua alocução, Paulo VI salienta: "O nosso nome é Pedro. Estamos convictos que o Senhor concedeu-nos um ministério de comunhão, com certeza Ele nos deu esta carisma, não para nos isolarmos de vós, nem para excluir entre nós a compreensão, a colaboração, a fraternidade e finalmente a recomposição da unidade, mas para deixar-nos o preceito e o dom do amor, na verdade e na humildade.

### A VIAGEM À UGANDA

(31 de julho — 2 de agosto de 1969)

No mais caloroso reconhecimento à função e à precisão da Igreja africana, e no discurso ao episcopado, diante dos Bispos africanos, reunidos na catedral de Kampala — no encerramento do simpósio por eles celebrado — Paulo VI evidencia a necessidade de que a igreja africana seja construída pelos próprios africanos, dando em relevo a urgência de se formarem sacerdotes do lugar e de resolver o problema da adaptação da Igreja à cultura africana, conservando, porém, as fórmulas conceituais e verbais do patrimônio da doutrina pregada por Cristo.

Após ter ordenado 12 novos Bispos de África, numa solene concelebração ao ar livre na Lololo Terrace, Paulo VI visita o Parlamento de Kampala e recebe, separadamente, as delegações da Nigéria e de Biafra (naquele tempo as duas partes encontravam-se em dramático conflito). A viagem conclui-se com a visita aos santuários anglicano e católico de Namugongo, este último em fase de construção e dedicado aos 22 mártires canonizados por Paulo VI em 1964, símbolo da África sofredora e rica de fé.

"Do sangue daqueles mártires", dirá Paulo VI, "brotou uma magnífica comunidade cristã; a causa missionária merece nossa admiração".

"É a lei do morrer para viver, a lei do sacrifício, a lei da Cruz é tremenda, mas é verdadeira, é grande, é misteriosa. E a lei da Cruz é a da vida cristã".

### A ÚLTIMA VIAGEM: AO EXTREMO ORIENTE

(26 de novembro a 4 de dezembro de 1970)

48.850 quilômetros de voo, a permanência em dois continentes. "Vamos longe, é uma ordem do Senhor" diz no momento de partir o Papa "nós confiamos que a unidade da igreja será reforçada, com isto será estimulada a atividade missionária, ainda mais estreito será o vínculo do colegiado".

As paradas de Paulo VI nesta viagem são 8. Em Dacca, no Paquistão Oriental, o Papa chega para consolar a população aflita (angustada) por um terrível tufão.

Paulo VI havia parado, antes, brevemente em Teheran, sobrevoa os territórios do Vietnã, então empenhados numa guerra sem misericórdia e se dirige tanto a Nguem Van Thien, como a Tom Duc Thang, num convite, para ambos, a uma paz justa e durável. Depois vai a Manila, nas Filipinas, onde participa da conferência parnasíatica dos Bispos. Paulo VI encon-

tra 2 milhões de filipinos no Quezon Circle de Manila, antes de lançar, através dos microfones da rádio Veritas, sua mensagem à Ásia; outras centenas de milhares de filipinos, ele encontra no bairro mais pobre da cidade, Dongo.

Depois novamente em voo: para Samoa, após na Austrália, em Sidney, onde mantém encontro com a Conferência Episcopal panocêntrica, em Giacarta e em Hong-Kong, quase às portas da China comunista, como quisesse um contato com os milhões de chineses que o regime de Mao obriga a viver sem religião.

Última etapa, na volta, em Colombo "Deus nos impeliu a emprender esta viagem, dirá Paulo VI", partindo de Colombo para a cidade do Vaticano, para manifestar aos nossos irmãos na fé, a nossa vontade de comunhão com seus esforços e suas penas, as preocupações em ver a Igreja Católica cumprir a sua missão em harmonia com as tradições e as civilizações da Ásia, tão dignas de respeito, para expressar mais uma vez às almas religiosas de outras confissões e a todos os homens de boa vontade o grande desejo da Igreja Católica de oferecer sua colaboração, no respeito da compreensão e estima mútua. Tudo isto, para garantir aos homens destas regiões e de maneira muito especial, aos jovens e aos pobres, as condições para um progresso integral daqueles recursos que Deus neles colocou.

Paulo VI, em Hong-Kong, momentos antes da celebração da missa em 1970.



# Em 15 anos de Pontificado Paulo VI Proclamou 84 Santos e 61 beatos



B. Maria Droste Su Vischering + 1899.  
Beatificada em 1 de novembro de 1975.

A santidade pertence à essência mesma da Igreja como um dos seus elementos constitutivos, é um caráter seu necessário sem o qual a Igreja de Cristo já não seria a Igreja, e é a prova da sua vitalidade divina, libertadora e santificante, que a Igreja continua a dar mesmo nos nossos dias; antes, atrever-nos-emos a dizer, mais hoje que nunca com o exemplo de seus filhos propostos à veneração e à admiração dos fiéis.

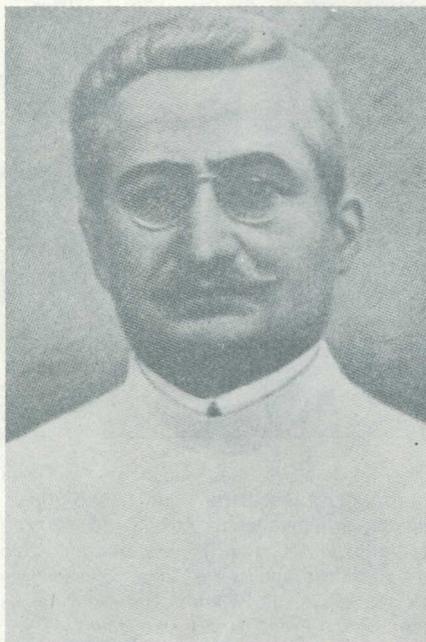
Nos quinze anos do pontificado de Paulo VI, a Igreja mostrou esta sua vitalidade de modo exuberante: nada menos de 145 filhos seus foram elevados às honras dos altares, provenientes de todas as partes do mundo, de todas as raças e de cores diversas, representando todas as classes sociais e pertencendo a todas as idades da vida.

Bispos, sacerdotes, virgens, religiosos e leigos fazem parte da falange dos 61 beatos e 84 santos proclamados por Paulo VI; 93 mártires e 52 confessores. Três foram até proclamados beatos e pouco depois santos pelo mesmo Paulo VI. São Leonardo Murialdo, São João Nepomuceno Newman e São Charbel Makhlouf.

Tantos são os mártires, 93, e de todas as épocas; dos 4 beatos franciscanos mortos na Palestina em 1391, dos 40 santos mártires ingleses do período entre 1500 e 1600, até aos

dos tempos a nós vizinhos, aos mártires da Coréia e de Uganda, à Beata Agostina Pierantoni, assassinada em 1894 em Roma, no hospital do Espírito Santo.

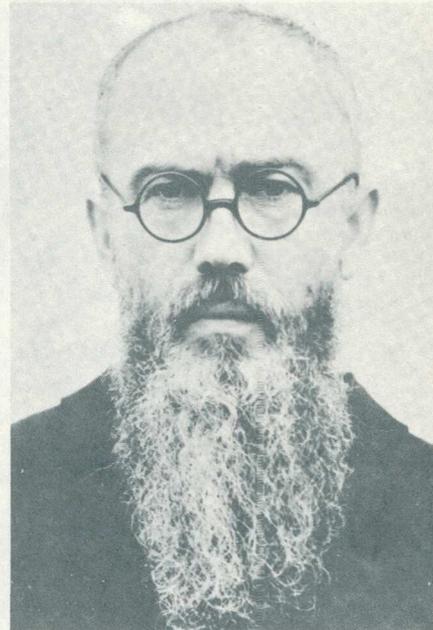
Entre os religiosos, sempre tão numerosos no testemunho de santidade da sua vida de perfeição, encontramos 8 fundadores e 15 fundadoras, de todas as idades, da octogenária B. Maria López de Rivas até aos 23 anos da B. Clélia Barbieri; encontramos filhos de gente pobre e membros da mais alta aristocracia, desde o humilde irmão porteiro capuchinho B. Inácio da Santhià até à B. Irmã Maria dos Anjos, de nascimento baronesa Teresa von Wüllen-



B. Giuseppe Moscati + 1927.  
Beatificado em 18 de novembro de 1975.

weber, à B. Maria do Divino Coração (Droste zu Vischering) e ao mártir jesuíta São João Ogilvie, de estirpe real.

Homens de toda a classe e profissão acreditaram no amor de Deus e deste amor deram testemunho heróico com a própria vida: do humilde operário, o B. Núncio Sulprizio, ao doutor professor e médico, o B. José Moscati, ambos napolitanos; do B.



B. Massimiliano M. Kolbe + 1941.  
Beatificado em 17 de outubro de 1971.

Maximiliano Kolbe, que deu a vida em ato heróico de caridade em 1941, ao B. Leopoldo de Castelnuovo, falecido em 1942, que foi consumindo a vida gota a gota, por 40 anos, exercitando a caridade mais requintada na fria penumbra dum confessionário.

“Enriquecer-se a falange dos Santos — como disse o Santo Padre (25 de maio de 1975) — com nomes novos ao continuar a Igreja o seu caminho no tempo, e sermos nós afortunadas testemunhas disso, deve ser-nos motivo de alegria e de esperança, porque é prova de que a Igreja vive; de que não envelhece mas floresce; e enquanto os redemoinhos da história muitas vezes lhe perturbam o decorrer pacífico da vida, e às vezes lhe perturbam e afligem o normal caminho terreno, ela reage em santidade”.

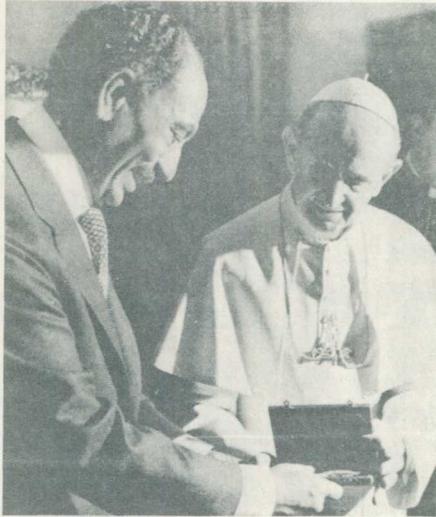
No turbilhão do mundo, que parece enlouquecer numa aberrante cegueira moral, a Igreja vive e floresce sob o signo da santidade.

F. Farusi

(De L'Oss. Rom., 6/8/78)

# ENCONTRO COM SOBERANOS E CHEFES DE ESTADO

O Papa Paulo VI com Anwar El-Sadat, Presidente do Egito, em 13 de fevereiro deste ano. Com Seghor, presidente do Senegal, em 1965. Com o presidente do Brasil, Arthur da Costa e Silva, em 1967. Com os Soberanos de Espanha, o Rei João Carlos I e Rainha Sofia, aos 10 de fevereiro de 1977.



Nos anos de seu Pontificado pode-se dizer que Paulo VI haja recebido e conversado com todas as maiores autoridades políticas e chefes de Estado do Mundo.

**FAMÍLIAS REINANTES:** Três vezes os soberanos da Bélgica (julho de 1963, 31 de março de 1966 e 17 de maio de 1975), os soberanos da Dinamarca (duas vezes: 23 de abril de 1964 e 11 de novembro de 1977); duas vezes os Grão-Duques de Luxemburgo (6 de maio de 1965 e 5 de junho de 1975); duas vezes os reis da Suécia (10 de outubro de 1966 e 16 de março de 1967), os soberanos da Grécia (23 de abril de 1966); o Rei da Noruega (28 de abril de 1967); o Príncipe Ranieri de Mônaco (25 de março de 1974); os Príncipes de Andorra (9 de abril de 1975); o Rei e a Rainha da Espanha (10 de fevereiro de 1977).

**DAS NAÇÕES DE ÁFRICA:** O Presidente da República da Somália; o Presidente de Tanganika, Njereere; o Presidente do Senegal, Seghor; o Presidente de Zâmbia, Kaunda; o Presidente do Camarão, Ahijo; o Presidente da República de Madagáscar, Tsiranana; o Presidente do Congo, Mobutu; o Presidente da Nigéria, Hama-

ni; o Presidente do Gabão, Bongo; da Costa D'ouro, Houhouet Bcigny; do Centro África, Bokassa; o Imperador da Etiópia, Selassie; do Alto Volta, Lamizana; da Tunísia, Bourguiba; do Sudão, Nimeiri; de Serra Leoa, Stevens; de Uganda, Hamin; de Rwanda, Habyarimana; da Libéria, Tolbert; do Gâmbia, Jawara.

**DO ORIENTE MÉDIO:** Rei Hussein, da Jordânia; o Presidente do Líbano, Helou; do Egito, Sadat; o primeiro Ministro de Israel, Golda Meyer.

**DAS NAÇÕES ASIÁTICAS:** O Presidente da Indonésia, Suharto; do Paquistão, Bhutto.

**DOS PAÍSES SUL-AMERICANOS:** O Presidente do Brasil, Goulart; do Chile, Frei; da Nicarágua, Schick; do Paraguai, Stroessner; do México, Echeverria; da Guatemala, Garcia.

**DAS NAÇÕES EUROPEIAS:** O Presidente da Holanda, Eamon de Valera; da Islândia, Asgeirsson; da França, de Gaulle; do Chipre, Makarios; da Finlândia, Kekkonen; da Áustria, Jones; da República Federal da Alemanha, Heinemann; de Malta, Mamo; de Portugal, Costa Gomes; da França, Giscard D'Estaing; de Portugal, Soares.

**DOS ESTADOS UNIDOS:** John Kennedy (29 de junho de 1963); Johnson (23 de dezembro de 1967); Nixon (2 de março de 1969); ainda Nixon (27 de setembro de 1970); Ford (3 de junho de 1975).

**DA TÁLIA:** Por três vezes, Presidente Segni; duas vezes, Saragat; — uma vez, Leone; uma vez, Pertini.

**DAS NAÇÕES COMUNISTAS:** O Presidente do Presidium Soviético, N Podgorny (26 de janeiro de 1967); o Presidente da República Federal de Tchecoslavia, Marechal Tito (29 de março de 1971); o Presidente da República Popular da Bulgária, Todor Zivkov (27 de junho de 1975); o Primeiro Secretário do Comitê Central Operário Unificado da Polónia, Gierek.

# O Conclave para a Eleição do Papa

**A** 25 deste mês de agosto entravam em Conclave para a eleição do novo Papa todos os Cardeais da Santa Igreja, excluídos os que já atingiram os 80 anos de idade.

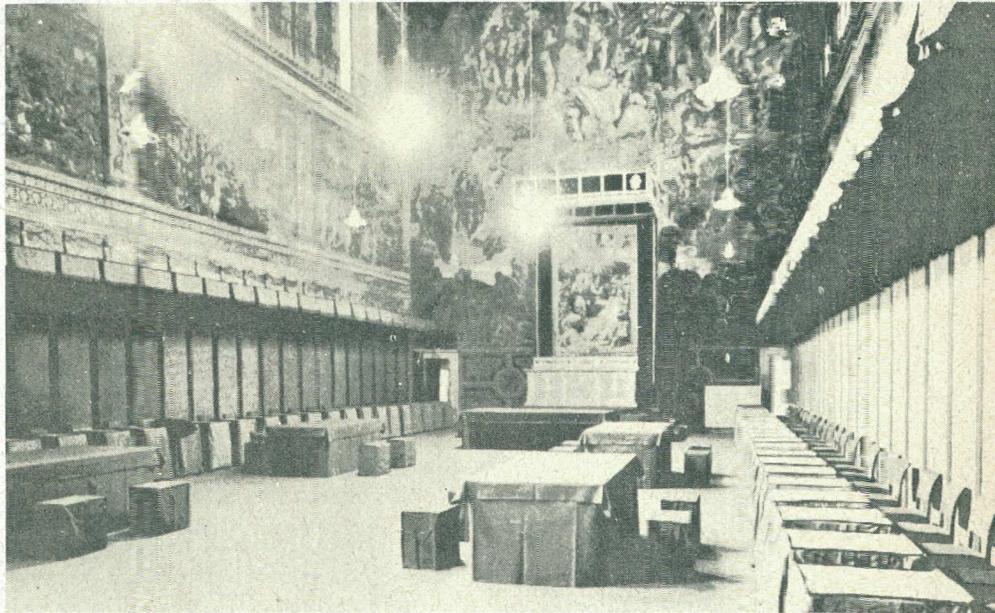
Desde o papa Nicolau II, em 1059, a eleição do Papa ficou reservada aos votos dos Cardeais. Recentemente o Papa Paulo VI dispensou desse encargo os Cardeais octogenários.

Reuniram-se em "Conclave". Conclave, esta palavra leva na sua formação e etimologia, o seu significado e a sua história. Con-clave quer dizer: "fechado à chave" e significa que o local destinado para a reunião dos eleitores de um novo Sumo Pontífice deve ser rigorosamente fechado, de forma que nenhum dos eleitores possa sair desse local, nem haja acesso a ele para nenhuma pessoa, fora os chamados "conclavistas", isto é, os que exercem determinadas funções ou serviços durante o período das eleições, e que já são designadas pormenorizadamente pelas determinações que regulam as celebrações dos Conclaves.

O primeiro Conclave que registra a história das eleições Papais data de 1216, quando os habitantes de Perugia encerraram os Cardeais em perfeita clausura para apressar a eleição do novo Papa, que foi feita três dias após a morte de Inocêncio III, na pessoa de Honório III. Outros "Conclaves" foram feitos, sobretudo, por ocasião da eleição de Inocêncio IV, depois de uma vacância da Santa Sé que durava já 18 meses. Dessa vez a experiência do "Conclave" tivera por fim defender os Cardeais eleitores da oposição do Imperador Frederico II.

O bom resultado assim obtido levou a Santa Sé a regular de uma maneira, mais ou menos definitiva, as normas obrigatórias do "Conclave".

A ocasião que sugeriu essa legislação deve-se à célebre eleição de Gregório X, na cidade de Viterbo: eleição que levou 2 anos, 9 meses e 10 dias. Dos 18 Cardeais reunidos a princípio, só ficaram 15 e estes ainda resolveram delegar seus poderes a 6 dentre eles, e estes só chegaram a um acordo, elegendo um ausente, um simples Padre da diocese de Liege e que foi Gregório X. Nessa ocasião, não bastou a clausura forçada a



*Sala do Conclave na Capela Sistina de onde sairá eleito o novo Papa.*

*O príncipe Chigi na cerimônia do fechamento externo da porta para o início do Conclave, em 1963.*

que obrigaram os Cardeais, nem as exortações de S. Boaventura. Foi preciso que os habitantes de Viterbo resolvessem, afinal, destelhar o Palácio Episcopal, deixando os Cardeais sujeitos às inclemências do tempo, ao sol e às chuvas, e não permitissem que entrassem no Palácio outros alimentos que pão e água. A guarda externa da clausura do Palácio esteve a cargo de Alberto de Montebone e de Gallo, chefe das milícias que cercaram e guardaram todas as saídas e acessos do local. Os sucessores de Alberto, os príncipes Chigi, herdaram esse cargo, que até hoje conservam, na pessoa do "Marechal do Conclave", encarregado de zelar pela clausura, desde a parte externa.

A legislação inicial de um Conclave se deve ao Papa Gregório X, pela Constituição "Ubi periculum" de 7 de julho de 1274. À morte deste Papa, os 10 Cardeais eleitores escolheram o novo Pontífice, Inocêncio V, no primeiro dia do Conclave.

A organização primitiva de Gregório X passou por diferentes modificações e vicissitudes; foi mesmo abandonada e depois retomada e veio tornar-se definitiva. A legislação atual obedece às disposições dadas por Pio X em 1871 e confirmadas, com pequenas modificações, por Pio XI em dezembro de 1904. Novamente Pio XI, em março de 1922, aumentava de 10 para 15 dias o prazo para começar o Conclave, a contar do dia da morte do Papa, para melhor atender às viagens dos Cardeais mais distantes: esse prazo pode ser aumentado até 20 dias, pelo parecer dos Cardeais, reunidos em Roma, antes de começar o Conclave. É o que foi feito desta vez, pois o atual Conclave começou aos 19 dias da morte de Paulo VI, por determinação dos 43 Cardeais, que estavam em Roma no dia 10 de agosto.

Após a eleição de cada novo Papa, o Conclave só abre para a saída dos Cardeais e Conclavistas, na hora que determina o novo Papa. Pio XII eleito à tarde do primeiro dia do Conclave, em 2 de março de 1939, licenciou naquela mesma noite seus eleitores, em atenção às más acomodações dos Cardeais no Vaticano e ao tempo frio que reinava. Após a eleição de Paulo VI, na manhã do dia 21 de junho, o Conclave continuou até a manhã do dia seguinte, 22 de junho.



**CAFÉ PELÉ SOLÚVEL.  
RÁPIDO, GOSTOSO E BRASILEIRO.**